

## 6

### Considerações finais

*Benditas as coisas que não sei  
Os lugares onde não fui  
Os gostos que não provei  
Meus verdes ainda não maduros  
Os espaços que ainda procuro  
Benditas as coisas que não sejam  
Benditas  
(Mart'nália/ Zélia Duncan)*

#### 6.1

##### Os desafios e aprendizados do fazer pesquisa

Permanece em movimento o exercício de ser pesquisadora, as aprendizagens tecidas nessa experiência e, principalmente, o universo pesquisado que não se esgotam, não cabem integralmente nessa dissertação. (E como é bom reconhecer isso!).

A realidade é sempre mais rica e mais complexa do que o conhecimento que chegamos a ter dela. Essa constatação não deve nos levar ao desânimo, ao abandono da busca de uma compreensão do real. (...) Conhecer tem algo de aventura. Todas as armas, todos os recursos podem ser necessários. Todos os caminhos, eventualmente, podem vir a ser trilhados. A inteligência e a sensibilidade, a razão e a intuição, a análise crítica e a espontaneidade, a confiança e a desconfiança (Leandro Konder, *Jornal do Brasil*, 19/02//2005).

O campo empírico desta pesquisa continua pulsando, latente na vida de todos os sujeitos envolvidos. Por mais que tenha tentado durante o trabalho organizar e até sistematizar a prática mídia-educativa que observei durante a pesquisa, tenho clareza que a experiência vivida, de fato, não pode ser enquadrada em um texto escrito. Ela é maior do que as palavras podem significar. Talvez, a investigação realizada possa nos ajudar, no máximo a fotografar, a fixar temporariamente imagens que, recortadas, podem nos auxiliar a pensar.

O desafio então, torna-se pensar nos movimentos que as imagens recortadas e fixadas suscitam, ou ainda refletir sobre os movimentos que geraram essas imagens. Acredito ser de grande valia, na minha experiência como pesquisadora, o exercício de refletir sobre as nossas maneiras de olhar e captar o real.

Atualmente, muitos pesquisadores, de vários campos disciplinares, têm realizado pesquisas científicas fazendo uso de câmeras de fotografar e/ou de filmar. Contudo, distintas são as maneiras de conceber e utilizar estes aparatos técnicos. Tendo a concordar com as reflexões de Jobim e Souza (2003):

Filmamos tudo: ultra-sonografias, partos, aniversários, casamentos, além de estarmos habituados a conviver com câmeras em nossas atividades cotidianas em bancos, supermercados, elevadores, lojas, restaurantes etc. (...) Não há como escapar deste olhar máquina que re-significa nossa presença no mundo, criando comportamentos e experiências subjetivas inteiramente novas (Jobim e Souza, 2003: 78).

As imagens vêm, cada vez mais, ocupando lugar fundamental na sociedade contemporânea, entranhadas em nosso cotidiano são constituidoras e constituintes de nossas maneiras de ser e estar na vida. Estamos vivendo o mundo em função das imagens? Nos servimos das imagens em função do mundo? Amplo e conflituoso é o debate em torno destas questões. Entretanto, talvez o importante seja considerar *as imagens técnicas como produções culturais e subjetivas, assumindo-as como revelações objetivas do próprio mundo* (idem: 78). Ou seja, compreender a imagem técnica como signo, portanto linguagem.

As ciências humanas e sociais não podem mais deixar as imagens de fora das suas práticas, pois estas, constantemente estabelecem diálogos entre os sujeitos sociais e suas realidades. Desta forma, a compreensão da imagem técnica como linguagem se torna necessária quando nos apropriamos dela para fazer pesquisa acadêmica, sobretudo, quando como pesquisadores penetramos na intimidade das leituras que fazemos gradativamente através de nossa interação simbólica com o mundo. Contudo, nas pesquisas científicas, essa percepção da imagem técnica ainda está em debate e, ao que parece, a questão da subjetividade de quem olha vem sendo um dos grandes focos da discussão.

Apostamos que a pesquisa em ciências humanas pode se beneficiar do uso das imagens técnicas como instrumentos mediadores e reveladores das intensas experiências culturais e subjetivas que estamos vivendo no momento atual. Se, por um lado, podemos afirmar que os usos da videogravação, da fotografia e da internet vêm ganhando um espaço cada vez maior na vida social, consolidando práticas culturais e criando novos hábitos, por outro, no campo da pesquisa, embora ganhando crescente credibilidade, as discussões metodológicas sobre o uso desses aparatos técnicos são ainda muito insipientes (Jobim e Souza, 2003: 81).

Lidar com essas e outras limitações existentes no processo do fazer pesquisa acabou se configurando como um grande aprendizado. As inquietações frente às respostas não encontradas e aos caminhos não percorridos, por um lado, trazem a sensação de insatisfação, por outro, favorecem o exercício de lidar com o possível. A mistura do incompleto com o possível, em alguma medida, me conforta. Afinal, sendo aprendiz ou mestre, os erros, as tentativas, as lacunas, e os caminhos escolhidos ou descartados são partes ou artes do ofício. E se o mais importante são os aprendizados que construímos no processo complexo e dialético que constitui a realização de uma dissertação, isso fortalece a necessidade de seguir em frente.

## 6.2

### **Contribuições desta pesquisa para as reflexões no campo da mídia-educação**

A partir deste estudo de caso pude desenvolver algumas reflexões sobre as práticas mídia-educativas que vêm sendo desenvolvidas, principalmente, por organizações não governamentais, no campo da educação não-formal. Trabalhando junto aos jovens, moradores de comunidades urbanas de baixa renda e utilizando a linguagem audiovisual como alicerce fundamental do processo de ensino-aprendizagem, as ONGs têm trazido valiosas contribuições ao campo da mídia-educação, especialmente no âmbito da intervenção social.

A pesquisa aqui apresentada trouxe à tona alguns conflitos que vêm marcando as práticas mídia-educativas tanto no campo da educação não-formal como no das práticas educativas em geral:

- a dificuldade de colocar os sujeitos e seus interesses no centro do processo de ensino-aprendizagem;
- a tensão permanente entre capacitação técnica e mobilização social;
- a dificuldade de construção de autonomia no contexto de práticas educativas;
- a falsa oposição entre o uso social dos meios e seu uso como expressão criadora;

- as tensões no trabalho em grupo para a construção coletiva de conhecimentos.

Vale sublinhar que nem todos os conflitos estavam colocados à priori, eles foram reconhecidos durante o trabalho de campo, no contato direto com os jovens do grupo Nós na Fita. Nesse sentido, não tenho a pretensão de dar respostas ou apontar caminhos, apenas destacar que se trata de questões importantes a serem constantemente re-pensadas.

Verifica-se atualmente que muitos dos editais de financiamento das empresas e institutos que patrocinam projetos sociais privilegiam as ações que articulam educação e comunicação, principalmente as que se propõem a trabalhar com jovens de baixa renda utilizando-se das tecnologias da comunicação e da informação. Investir em ações educativas que promovam a inclusão digital, mais do que estar na moda parece ser um bom negócio. No entanto, a idéia de que saber utilizar as tecnologias no mundo contemporâneo tornou-se condição imprescindível à cidadania, não está somente nesses editais, mas também nas próprias desenvolvidas pelas ONGs que se proliferam, assim como nas políticas públicas para a juventude voltadas à capacitação ao mercado de trabalho e nos projetos políticos-pedagógicos das escolas públicas e privadas. O que significa dizer que há um cenário de valorização das práticas mídia-educativas.

Contudo, pude perceber durante esta pesquisa que essas práticas podem representar mais do que a possibilidade dos sujeitos se apropriarem das tecnologias (aliás, crianças, adolescentes e jovens têm muito mais habilidades para se apropriarem do que nós, afinal nasceram num tempo em que a mídia pode ser considerada uma nova dimensão da existência). Se valorizam a facilidade dos jovens em se relacionar com as mídias e os concebem como sujeitos de direitos, desejos e conhecimentos, essas práticas podem vir a desenvolver a cumplicidade expressiva, à qual se refere Martín-Barbero (2003), possibilitando que, neste caso, os jovens reconheçam a natureza comunicativa da cultura e, desta forma, assumam o lugar estratégico de narradores de suas próprias histórias.

Talvez um dos maiores desafios que esteja colocado às práticas mídia-educativas seja o reconhecimento de um de seus potenciais latentes: não se restringir ao ensino da técnica, mas promover uma experiência que possibilite aos sujeitos desenvolver suas expressões criadoras. Nesse contexto, vale a reflexão

sobre o lugar que a expressão criadora vem ocupando no interior das práticas mídia-educativas.

Essa questão já estava colocada no início desta pesquisa: até que ponto os jovens “aprendizes” produzem algo novo? Até que ponto exercitam sua expressão criadora na construção de seus textos audiovisuais? No entanto, com o trabalho de campo e as análises, o tema apresentou-se ainda mais complexo: até que ponto o lugar da expressão criadora está garantido nos pressupostos e objetivos das práticas mídia-educativas? Afinal, não basta desejar se expressar, nem mesmo almejar criar algo novo, é necessário que a prática educativa tenha também esse objetivo, incluindo em sua metodologia de trabalho atividades propícias ao desenvolvimento da expressão criadora, entendendo que isso pode vir a ser, inclusive, seu fim último.

Nesse sentido, a linguagem audiovisual, por exemplo, torna-se fonte mediadora do próprio trabalho educativo, que, em última instância, possibilita aos jovens a ampliação de suas sensibilidades e manifestações frente ao mundo. Ao gerar, em parceria com os jovens, uma experiência na qual criar, se expressar, se posicionar, refletir, debater, ousar e sonhar são possíveis, não estarão as práticas mídia-educativas se configurando como uma estratégia de posicionamento na complexa trama que articula comunicação, cultura e política? As práticas mídia-educativas que investem na participação dos jovens em ações alternativas não estarão formando comunicadores que, como mediadores, exercitam enfrentar as tensões entre o popular-massivo e o local-global? Ao incentivar uma TV de rua e ao mesmo tempo possibilitar que uma jovem almeje trabalhar na ONU não estarão essas práticas possibilitando aos jovens redimensionarem seus vínculos comunitários, inclusive exercitando suas cidadanias mundiais<sup>1</sup>?

Chegando cada vez mais aos jovens, mantendo-os envolvidos com as ações que propõem essas práticas tem auxiliado na criação dos novos modos de estar juntos. Como a escola, de uma maneira geral, vem apresentando dificuldades na sua relação com os jovens, com frequência, professores e pesquisadores destacam o quanto está sendo cada vez mais complicado dialogar com as culturas juvenis, não terão essas práticas mídia-educativas muito a contribuir com a educação formal? Não estarão os próprios jovens, especialmente quando se tornam

---

<sup>1</sup> Conceito de cidadania mundial trabalhado por Kymilcka (1996).

protagonistas de experiências como essa apresentada nesse trabalho, dando pistas de como podemos estabelecer esses diálogos? De que maneiras podemos, a partir do que os próprios jovens estão produzindo e criando, encontrar novas saídas para educação?

Pesquisas começam e terminam com perguntas. Estas estão entre as muitas que me foram suscitadas ao longo deste trabalho. Estou certa de que outras tantas questões são possíveis e espero ter podido contribuir para suscitá-las em outros pesquisadores.